

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Liberal (P.O.)*

Class.: 140

Data: 24 de fevereiro de 1988

Pg.: _____

Presença expressiva do Índio no povo brasileiro

Dom Alberto Ramos

Não me conformo ao ler, com freqüência, que os indígenas do Brasil estão "reduzidos" a uns 200.000 no máximo. Que sejam tão poucos os que preservaram suas tradições, línguas e costumes, em "ghetos" isolados nos recônditos das florestas, posso concordar, mas de maneira nenhuma aceito que o restante da raça tenha sido totalmente dizimado ou chacinado.

Admitindo-se que os aborígenes existentes no Brasil, ao tempo do descobrimento, fossem uns 5, ou 6 ou 7 milhões, sem nenhuma base estatística ou certeza científica de cálculo, seria cair numa argumentação muito simplória meramente subtrair os 200 milhares desse total, no decorrer de quase cinco séculos. Entretanto é o que temos visto assoalhado em muitos livros e jornais, e até em compêndios de catequese!

A um estrangeiro que me apresentava semelhante dedução, revoltado com a barbaridade da extinção da população autóctone, perguntei por onde andavam os bárbaros que povoaram a Europa: os etruscos e os celtas, os gauleses e os bretões, os saxões e os teutões, etc, e ele espantado, respondeu-me que eram os italianos e os franceses, os alemães e os ingleses de hoje! Pois bem, concluí eu, os tapuios e os tupis, os gês e os aimorés de hoje, aí estão, mesclados no valoroso povo brasileiro; povo que derrotou os europeus em futebol, basket-ball e até em automobilismo...

Será que os 140 milhões de brasileiros descendem todos dos portugueses ou dos africanos? Está claro que não. A maior parcela de nossa gente, sobretudo na Amazônia, descende dos bravos ameríndios.

Assista-se a um desfile militar e observe-se: em cada pelotão haverá uns 2 negros retintos e uns 2 brancos arianos. A grande maioria pertence a variadíssima gama de tonalidades em que predominam as características somáticas do caboclo amazônico, o autêntico descendente do índio.

Visite-se uma escola de subúrbio e a mesma observação de pigmento epidérmico poderá ser feita.

Viana Moog retratou bem esse caboclo: "O genuíno, o autêntico caboclo, em cujo sangue se acham caldeadas as raças ariana e tapuia, esse tem sido um

elemento insubstituível na Amazônia. Equilibrando feitos e qualidades das estirpes cruzadas, possui infusa a arte e a ciência do meio, que lhe vem do índio; e ninguém se lhe iguala no íntimo conhecimento dos menores segredos da selva, onde é o guia infalível dos desbravamentos". ("O Ciclo do Ouro Negro", Belém, 1975-p. 72).

Gabrielle Cogels, como tantos outros visitantes, observou: em 1972 ("A Integração da Amazônia e a Racionalização do Extrativismo", Loyola, S. Paulo, p. 141): "A região possui uma sociedade em que a expressão indígena predomina, tanto sob o ponto de vista étnico como sob o cultural. Onde quer que atue e seja qual for a atividade a que se dedique, o caboclo amazônico traduz sempre a influência atávica da região. Antes de tudo é um nômade".

Concorda também comigo Antônio Loureiro, em "Amazônia - 10.000 anos" (Manaus, 82) ao afirmar: "Ultimamente tem-se exagerado sobre o extermínio das populações indígenas da Amazônia de modo anacrônico. Realmente correram guerras justas (deve ser, injustas) resgates, descimentos, epidemias, despovoamentos de rios, populações transferidas, mas o principal fenômeno foi o da aculturação, nas cidades e missões. Estamos convencidos de que grande parte dos indígenas adotou a civilização neo-brasileira, pois Portugal não possuía contingentes demográficos para o povoamento do Brasil, e, parte dele, era desviado para a África e Índia.

"Como justificar a grande população brasileira atual, senão pela aculturação do índio e do negro?" (pp. 85-86).

Não se podem obscurecer as "razias", as investidas bárbaras que o branco cometeu contra o índio, mas não suficientes para explicar o desaparecimento das tabas indígenas. As doenças e, sobretudo a terrível epidemia de varíola, em 1740, dizimaram tremendamente as populações aborígenes.

Não. A heróica raça de nossos ameríndios não se "reduz" a esses agrupamentos assistidos ou utilizados pela Funai. Ela permanece, simples e admirável, no cerne do povo brasileiro, o povo do futuro!

Natureza humana

Os dois primeiros milhões de anos

Walter Neves

(Do Núcleo de Biologia Humana do MPEG)

Os dois primeiros milhões de anos da evolução dos homínídeos foram bastante medíocres em termos de produção material e do domínio tecnológico. O registro arqueológico deste período não demonstra a presença de nenhuma tradição cultural definida, em termos de fabricação de instrumentos. A maioria dos cientistas concorda que os homínídeos pliocênios (4 a 2 milhões de anos) devem ter desenvolvido uma dependência instrumental sobre materiais naturais, sem transformação, mais ou menos como os chimpanzés e gorilas. Se o modelo que atrela a liberação das mãos ao transporte de alimentos estiver correto, é bem provável, inclusive, que os primeiros objetos concebidos por esses homínídeos tenham sido acessórios que ampliassem sua capacidade de transporte. Algo como uma sacola ou uma bolsa muito precária, feita de folhas, fibras ou couro de carcaças de animais encontradas pelo caminho. Evidentemente, esse tipo de "cultura material" não deixou vestígio, em virtude da fragilidade das matérias-primas envolvidas em sua fabricação.

Esta ausência de uma cultura material definida, proporcionada por uma tecnologia de fabricação de objetos, durante nossos 2 primeiros milhões de anos de evolução é congruente com o que se conhece sobre o desenvolvimento neurológico dos homínídeos pliocênios. Embora alguns cientistas advoguem a idéia de que o fator limitante para o desenvolvimento da cultura não seja o tamanho do cérebro mas sim a distribuição do córtex cerebral em seus diversos compartimentos, o fato é que, em termos de volume encefálico, os primeiros homínídeos eram muito similares aos pongídeos africanos atuais. Não obstante, alguns paleoneurologistas têm tentado demonstrar que apesar do pequeno tamanho desses primeiros cérebros de nossa linhagem evolutiva, eles já apresentavam uma organização bastante humana. Essas observações, são todavia, muito discutíveis, porque são baseadas nas impressões que o cérebro deixa na parte interna do crânio. Vale dizer que essas observações são baseadas em características muito externas e tênues do córtex cerebral.

A variabilidade biológica dos homínídeos pliocênios foi muito grande. A despeito da pequena capacidade industrial desses animais, eles tiveram um grande sucesso em explorar nichos ecológicos diferenciados, multiplicando-se em formas e sobrevivendo por longos períodos de tempo. Somente na África, único local onde esses homínídeos são reconhecidos até hoje, os cientistas já descreveram quatro (e em breve talvez cinco) espécies de homínídeos fósseis, no intervalo de 4 a 2 milhões de anos.

Australopithecus afarensis, o mais antigo de todos, foi encontrado num intervalo entre 4 e 3 milhões de anos. Não fosse por sua posição bípede, comprovada pelos próprios ossos encontrados no Hadar (Etiópia) e pelas pegadas deixadas em cinzas vulcânicas, em Laetoli (na Tanzânia), seu status de homínídeo jamais seria aceito, em virtude de sua primitividade craniana (neurologia e mastigatória). A partir dessa espécie, ainda muito contraditória nos círculos acadêmicos, duas novas linhagens de *Australopithecus* se diferenciaram. Uma manteve o hábito alimentar generalizado e se definiu por uma gracilização da morfologia craniana, seja com referência aos dentes, seja com referência às arcadas supra-orbitárias e a outros traços secundários simílicos; outra definiu-se por uma superespecialização do hábito alimentar, especializando-se em uma alimentação estrita-

mente vegetariana, concentrando-se quase que exclusivamente na ingestão de frutos e sementes duras. Ao contrário do que se pensava até o ano passado, essas duas linhagens não se sucederam no tempo, mas se definiram concomitantemente.

A primeira linhagem é representada pelo *Australopithecus africanus*, que existiu durante um intervalo de tempo muito grande: de 2.5 milhões de anos a 800 mil anos atrás.

A segunda linhagem é representada por duas espécies:

Australopithecus robustus e *Australopithecus boisei*, a primeira representada no sul e a segunda no leste da África. Pelo que tudo indica, a segunda forma originou-se a partir da primeira e, portanto, sucederam-se no tempo. O período que ambas existiram é mais ou menos similar a o *Australopithecus africanus*.

Embora as duas linhagens apresentem características morfológicas próprias que as distinguem entre si, ambas se diferenciam da espécie ancestral, *A. afarensis*, pela redução dos caninos (que nesta última ainda é muito grande), por um aperfeiçoamento dos caracteres secundários ligados à bipedia e por uma hominização mais acentuada da face como um todo. Entretanto, em nenhuma das duas pode-se observar um investimento seletivo pronunciado sobre a capacidade craniana. Ambas continuam exibindo uma capacidade craniana ainda dentro do intervalo de variação dos pongídeos africanos (400 a 500 cm³).

Modificações significativas a nível do volume cerebral somente podem ser observadas no registro fóssil homínídeo a partir de 2 milhões de anos, com o aparecimento da linhagem humana propriamente dita, o gênero *Homo*.

Em resumo, a evolução dos homínídeos durante o Plioceno (4 a 2 milhões de anos) parece ter tomado dois caminhos diversos, em decorrência da justaposição da variabilidade pré-existente nas populações e das pressões seletivas impostas pelo meio ambiente e pela competição entre as diversas espécies. Um caminho foi o da adaptação pela superespecialização alimentar e podemos chamá-lo de periférico, em relação à evolução humana. O outro foi o da especialização neurológica e tecnológica. Este sim, diretamente relacionado à nossa evolução posterior.

Este cenário está bastante claro para os que se dedicam ao estudo da evolução humana. O que não está nada claro é a relação de ancestralidade-descendência (relação filogenética) entre as diversas formas de homínídeos Plio-Pleistocênicos.

O principal ponto de discordância entre as diversas árvores filogenéticas (que estão representadas abaixo) é a vinculação do *Homo* com *Australopithecus*. Alguns acreditam que o gênero humano originou-se a partir de *Australopithecus africanus*, levando em consideração a gracilidade das duas formas. Outros, acreditam que o *africanus* já estava muito especializado em direção à alimentação herbívora e não poderia ter originado um homínídeo generalista como o *Homo* e que este último deve ter suas raízes diretas em *Australopithecus afarensis*. Alguns, mais arrojados ainda, acreditam que a linhagem *Homo* não tem nada haver com a linhagem *Australopithecus* e que sua origem remete-se, de forma independente, ao início do Plioceno (5 MA). Esta última carece, entretanto, de qualquer evidência fóssil.

PROPONENTES

